

JUVENILIAS

Portugal e a guerra

No penúltimo domingo, num dos teatros públicos da capital, realizou-se a primeira da série de conferências, que o partido republicano português, num ardor guerriero, pensa levar á pratica para esclarecer a imperitvel justiça e o dever imperioso da quebra da neutralidade luzitana.

Foi o Dr. Alexandre Braga, inimitavel parlante e vulto facil da lusa democracia, que, verborricamente proferiu a parlada inicial impulsionando, num arrebato patriótico, o auditorio inteiro.

Não é intenção nossa, nesta desataviada e breve juvenilia, rebater a argumentação, aliás balofa, de tão egreja figura; sómente avançaremos umas considerações ligeiras, que igualmente ajudem a certas creaturas simples, ledaças, que, acometidas da febre dum demagogismo exaltado, pregam a imolação ao molock guerreiro.

Que Braga, Costa e quejandos proclamadores da defeza nacional corajosa e enérgicamente... mandem os outros para a guerra, compreende-se, explica-se. Defendem os seus interesses políticos, a sua situação privilegiada.

Que eles dediquem os seus esforços oppondo—uma propaganda patriótica e metódica ás dissolventes e desmoralisadoras doutrinas que degenerados e inconscientes mercenariamente (sic) propagam, justifica-se.

Pugnem pelo engrandecimento capitalístico, pelo engrandecimento da sua casta e partido.

Concede-se ainda que eles exortem as mães portuguesas, as heroicas mulheres e os honrados anciãos do seu paiz, tão cheio de tradições nobres, gloriosas, belas, dizendo-lhes em sublimes tiradas de fraseadores silingónios:—«Pobres mães, trémulas velhinhas de veneráveis cabelos brancos, deixai que vos beije as mãos e escutai estas palavras de verdade, que eu dirijo ao vosso coração: não ouçais os monstros, os homens degenerados e indignos, que querem fazer uma torpe exploração com o vosso carinho. Dizei-lhes que mentem. Que se morre mais nos hospitais do que na guerra; que uma epidemia por benigna que seja, pode ceifar mais vidas que o fragor das batalhas; que quando lançais teus ao mundo vossos filhos, não foi para que eles se furtassem ao cumprimento do seu dever.»

Sim, percebe-se que esses ignobres farçantes, deixando transparecer os instintos sanguinários que os animam, usem atirar-nos á face esse fraseologia mentirosa. E' propria dos seus intuitos maus ou da sua insaciável gula.

Contra essa alocução rematadamente falsa citemos alguns números, que são mais expressivos, falam mais claro do que quantas palavras vos pudessemos dizer: A guerra franco-alemã, de 70 a 71, custou 260.000 vidas; a franco-austriaca, em 66, 46.000 vidas; nos Estados-Unidos, a do Norte contra o Sul, ceifou 450.000 existências; a da Itália, em 59, fez 63.000 mortes; na guerra entre a Rússia e o Japão, morreram 300.000 soldados; na da Crimeia, de 54 a 55, pereceram 735.000 pessoas, e as guerras do primeiro império napoleónico vitimaram, ó horror! 5 milhões de europeus! Não falemos na China-Japonesa, italo-turca e nas recentes guerras dos estados balcânicos.

Eis, mães, as formidaveis hecatombes do terrível, repulsivo e anacrónico militarismo.

Como imolação ao monstro bético, a hidra infanda da guerra, oceanos de sangue têm jorrado, himalaia de cadáveres se levantam.

Cada século degolam-se aproximadamente 40 milhões de indivíduos para assegurar a divisão da terra em pátrias.

Arrebatam vos os filhos que estremeceis, impolgam-vos os séres que vos são queridos, os séres em que depositais toda a esperança, para os vícios infames da caserna, para a matança, para a carnificina das guerras em nome dum ilógico, absurdo e irracional tributo de sangue.

Mas é um dever indeclinável a que vossos filhos não se devem

furtar. Dizei, pois, aos monstros, aos degenerados e indignos que pretendem explorar o vosso carinho, que mentem pretendendo atear, despertar na vossa consciência adormecida um justificado ódio, um infinito horror pelos cruentísimos combates, pelas guerras sanguinolentas e fratricidas.

Não os ouçais, não escuteis as suas palavras e deixai os séres inocentes gerados nas vossas entranhas, criados por vós com carinhos e sacrificios, por vós lavados, regados com lágrimas e prantos transformarem-se em feras, em lobos, em abutres sanguisugos; deixai porverter, desmoralisar os séres que o vosso seio fecundo produz bons, candidos, puros; deixai que os filhos tão caros ao vosso coração se tornem cegos instrumentos de morte, monstros de bruteza, assassinos inconscientes. Quando lançastes ao mundo os vossos filhos não foi para que se furtassem ao cumprimento do seu dever.

O sentimento do bem, o amor da humanidade, a fraternisação dos povos numa estreita harmonia, num comungamento de ideias, são ideias extravagantes, quiméricas, de visionários e loucos.

Defender as tiranias, as idiquidades, as oppressões; travar luta com os seus semelhantes, com os seus irmãos, com os seus companheiros de trabalho de além-fronteiras; matar, trucidar, roubar, rapinar, pilhar, eis o papel do patriota, o dever do bom soldado.

A conflagração europeia, essa luta de titans, esse combate de gigantes, onde, com uma pasmosa e inextricável insanía, se debatem, trucidam e degolam milhões de proletários, derramando o seu sangue quente por uma causa que não é a sua, é, como todas as guerras, mas em proporções maiores, a resultante dos antagonismos financeiros e das rivalidades industriais; é o fruto dos imperialismos e autocracias militares.

Mais do que nunca o que devemos é organizar e robustecer as nossas forças, disseminar a nossa propaganda, activar a nossa obra.

A nossa luta é outra. Não joguemos, não arrisquemos a vida favorecendo os nossos exploradores, tornando-nos cúmplices dos nossos tiranos.

Combatamos todos os atropellos, destruamos todas as injustiças sociais, lutemos contra os nossos únicos inimigos que são aqueles que nos exploram.

Guerra á Guerra!

A. A. NUNES.

A mentira parlamentar

Na famosa declaração feita em 4 de agosto, no parlamento alemão, pelo social-democrata Haase, encontrou-se esta passagem, ruidosamente aplaudida por todo o Reichstag:

«O nosso povo e a sua liberdade no futuro teriam muito, se não ludo, que temer duma vitória desse despotismo russo que se manchoa com o sangue dos melhores entre os seus súbditos.»

O social-democrata aprendeu com mestre Marx a servir-se daquella escapatória hipócrita do tsarismo numa guerra contra a França; e os outros deputados não foram menos hipócritas, fingindo-se preocupados com a liberdade do povo alemão e indignados contra o despotismo tsarista, quando se sabe que a Alemanha official, por ocasião da Revolução russa, favoreceu o governo do tsar por todas as formas! Repugnantes jesuitas!

Não vem fora de propósito lembrar aqui a grande vitória «socialista» recentemente alcançada na Suécia: os socialistas suecos mandaram ao Riksdag (o parlamento lá da terra) nada menos de o tenta deputados! É, proporcionalmente, o maior grupo parlamentar socialista do mundo; na Cámará sueca fica sendo o partido mais numeroso, considerando-se provável a próxima entrada dos socialistas no governo...

Depois das brilhantes provas dadas pelos mais numerosos grupos parlamentares socialistas nos países envolvidos na conflagração, deve nos felicitar a «Internacional socialista» e o proletariado ingenuo por mais esta estrondosa «vitória».

Não há dúvida: o socialismo marcha... ao assalto do poder. E vice-versa...

REBENDO

Um tonto, all no Bothão, —segundo li na gazeta— deu-lhe, ha dias, na veneta p'ra scimar em rev'lução, o logo, sem mais aquela, poz-se a arengar da janella patriótica oração...

Em seguida começou, cheio duma furia insana, a dar tiros com tal gana que por pouco não matou muita gente que acudiu quando esse restolho ouviu e lá na rua parou.

Se láv a essa maluqueira, estamos bem arranjados. Pois ha doidos aos punhados com a loucura guerreira, vindo em cada cidadão um inimigo atumado —mas daqueles de gingeara...

Amilco.

Os socialistas alemães

O socialista Vandervelde, ministro belga, entrevistado por um jornalista francês no seu regresso dos Estados Unidos, faz interessantes declarações acerca do estado de espirito dos social-democratas germânicos.

No grupo parlamentar socialista houve uma regular minoria contra os créditos para a guerra. Os dois principais órgãos social-democráticos, Vorwärts e Leipziger Volkszeitung, não defenderam a attitude da maioria e, apesar da censura, condemnaram a violação da neutralidade belga e o saqueio de Lovânia. Devemos ter em conta as imensas dificuldades da situação na Alemanha. Vandervelde está convencido de que o povo alemão sente desejo de se livrar do regime que o opprime, apesar da educação que o envenenou nos últimos 40 anos. Nos Estados Unidos, há uma forte minoria socialista alemã que condena enérgicamente a politica do Kaiser e dos guerristas.

Assim seja! Nós sempre combatemos os métodos da social-democracia tedesca, o seu reformismo burguez e patriótico, mas também sempre esperamos que havia de haver uma boa parte sã, sobretudo nas massas populares socialistas, melhores do que os chefes.

Desejamos ardentemente que Vandervelde tenha razão; e não há dúvida de que Vandervelde, belga e ministro, está bem colocado para emitir aquelles juizos desapaixonados: na sua qualidade, reconhecemo-lo, as suas palavras são cheias de nobreza. É possível que se tenham exagerado as responsabilidades dos socialistas alemães para encobrir as responsabilidades próprias. Qual é afinal o revolucionário que não deseja enganar-se nos seus juizos? mais pessimistas sobre o espirito e a capacidade revolucionária dos alemães?

A loucura nacionalista

Num jornal de Hamburgo, Deutsche Handels-Wacht, escreve Hans Bechly:

Tudo o que é nobre e elevado na verdadeira cultura da alma e do espirito, no desenvolvimento do género humano, ataglia a sua mal completa e pura expressão no povo alemão. A teoria do progresso geral da humanidade naufragou lamentavelmente e ficou horrivelmente comprorada a nossa certeza de que a humanidade inteira só com os esforços do povo alemão pode chegar á sua plenitude. Imperadores, príncipes, ministros, embaixadores, officiaes, empregados e operários, todos o demonstrem. Nenhum deles tocou na propriedade estrangeira, nenhum cometeu um acto indigno, apesar das grandes provocações!... Tudo quanto é nobre e grande neste desgraçado tempo de decadência da Europa é alemão... Uma derrota alemã seria o fim da verdadeira humanidade, e se o mundo quer ver o progresso, tem que se tornar alemão. Não politicamente, mas espiritualmente, tem que se submeter ao povo alemão, o alemão deve ter o dominio do mundo.

Hein! E dizer-se que cada país, cada nacionalista de qualquer nação pensa mais ou menos o mesmo, tem as mesmas pretensões! Cada um se considera o sal da terra, o porta-luz da humanidade, a vestal insubstituível da civilização! Presunção e água benta...

Ouçamos, por exemplo, este patriota italiano, Alberto Caroncini, no Resto del Cardino:

Do beco em que se encontra há de a burguesia italiana sair, voltando a si e conquistando o seu direito a conduzir o país no futuro. As suas condições estão na própria complexidade dos fins a atingir: a riqueza e a paz ao mesmo tempo que o poder, a Libia e a Asia Menor, o Adriático a ganhar e o Mediterraneo a não perder, a Austria a aniquilar hoje e a França amanhã.

E tudo isso, por amor á civilização, com carterza...

Infelizmente, há até revolucionários convencidos da missão messianica de certos países, armados em Estados.

Coisas historicas

26-1871 — Em Genebra (Suíça) sai o primeiro número de A Revolução Social, semanário anarquista.

27-1912 — Assim de não lhe serem cobrados os exagerados impostos, o povo de Vila Flor, mascarado, lança fogo, de noite, nos papéis das respectivas repartições e recebedorias.

28-1913 — Das minas de Dawson retiram-se 104 cadáveres, horrivelmente carbonizados...

29-1889 — Morre o celebre escritor revolucionário Tcheritchewski.

30-1865 — Sai, em Barcelona, o primeiro número dum revista anarquista com o titulo, A Sciencia Social.

31-1896 — Inicia a sua publicação em Charleroi, O Grito dos Opprimidos, hebdomadário anarquista.

NOVEMBRO

1-1899 — Grandes motins populares em Zaragoza contra o agravamento do imposto de consumo. Aoóz uma reuhida luta entre o povo e a força armada saiu aquelle victorioso, pois não pagou o que lhe era exigido.

Profecia socialista ou patriótica?

O falecido socialista alemão, Augusto Bebel, na sua brochura O exercito permanente e as milicias populares, publicada em 1900, escrevia o seguinte: «Uma guerra entre duas grandes potências europeias terá inevitavelmente, com precisão matemática, uma guerra europeia». Noutro ponto, dizia:

A esquadra alemã, seja qual for a sua força, será aniquilada pela armada inglesa. A Alemanha perderá todas as suas colónias logo no dia seguinte á da declaração da guerra. E como o Japão deverá inevitavelmente aliar-se com a Inglaterra, perder-se-hão todas as conquistas feitas á custa de enormes sacrificios no extremo Oriente. Perecerá a marinha mercante germânica e a Inglaterra apressar-se-há de todos os mercados tentáculos. A guerra contra a França, ajudada e pela Rússia, provocará a destruição completa do poderio alemão. A França, objecto a Alsacia e a Lorena e talvez a margem esquerda do Reno também. A Rússia realizará os seus vultuosos arredondar os seus dominios polacos deitando a mão ás embocaduras do Niemen e do Vistula, e a alguns portos maritimos como contrapós. A Alemanha não tornará a alcançar victórias fáceis, como pretendem os nossos manuais escolares e a nossa grande imprensa. Há de ser uma singra total. A guerra paralizará na Alemanha o comércio e a industria, paralizará a exportação. Ora, nas condições actuaes, a Alemanha não pôde existir sem exportação. A desocupação será terrível. A importação será também detida. Ora, a Alemanha não pôde viver sem importação. O país sofrerá uma fome geral.

Bebel mostrou, segundo parece, que via bem ao longe, apesar da zombaria que acolheu a sua brochura na Alemanha, por parte dos politicos e dos arrogantes militaristas.

O jornal que nos oferece esta transcrição não nos diz, porém, que sentimentos animavam Bebel ao fazer esta profecia. A preocupação socialista e internacionalista da paz e do desarmamento? O desejo de mostrar aquida conduzia o imperialismo, a paz armada? Ou a preocupação patriótica da derrota alemã?

Seria preciso conhecer a brochura toda e as ideias manifestadas por Bebel em outras ocasiões. Essas ideias nem sempre se revelaram muito internacionalistas, sobretudo nas sessões do parlamento.

Agitador

Devido á comemoração dos Martires de Chicago no dia 11 de Novembro resolveu o grupo editor deste jornal adiar a sua publicação que era em 1 de Novembro para o dia 8 do mesmo mez fazendo por este meio o seu aviso aos agentes e assinantes do mesmo jornal. A Redacção.

VÁRIA

VIII

A lição dos factos

A conflagração europeia, ou, com mais propriedade do termo, mundial, tem sido para os revolucionários sociais, mórmente para aqueles que sem olhar a sacrificios se sentem firmes na defeza intransigente dos principios, uma segunda lição de factos, bem digna de ponderação e estudo.

A simples análise de factos que se avolumam cada vez mais em favor (da nossa tese, e reflexionando um pouco sobre o mobil que os provocou, conduz nos a uma conclusão arriscada talvez, mas lógica e admissível, embora antes do actual conflito fosse uma temeridade formular semelhante conceito. E' aí daquelle que comettesse a leviandade de o expor como simples hipótese: o seu nome correria impresso as cinco partes do globo empunhando altivo a bandeira da tração.

Realmente o caso não seria para menos; mas a guerra que assola a Europa com aquella rude brutalidade que lhe é imminente, veio destruir no dominio dos factos as mais sublimes esperanças de fraternidade humana que se julgavam bem cimentadas no cérebro e no coração do homem.

O primeiro fracasso manifestou-se no Reichstag, com a facção Bebel ao votar-se os créditos para os novos armamentos; e esse fracasso refinou ao estalar a guerra e redobrou de intensidade com o alistamento voluntario dos deputados socialistas nas fileiras dos regimentos tudescos, cada qual porfiando em chacinar maior numero de inimigos, de irmãos pela origem, pela especie, pela situação e — oh! irrisão! — pelas aspirações de igualdade, de liberdade, de fraternidade!

Mas devemos condenar só os alemães?

De maneira nenhuma.

Nem só os alemães se teem portado heroicamente, valentemente, audaciosamente, nos campos da batalha a trucidar inimigos (!) que nunca viram, que jamais odiaram e que nunca prejudicaram nos seus interesses, nas suas idéas, nos seus sonhos de Paz Universal!

Os demais beligerantes, arremessados para o matadouro humano em nome de principios e sentimentalismos habilmente explorados pelos maiores inimigos das legiões combatentes para assim satisfazerem as suas ambições e criminosos interesses em detrimento da humanidade que trabalha e sofre, que produz e não consome, que se bate e nada lucra, os demais beligerantes — diziamos — entrando nas linhas de fogo não são inferiores em bravura e destreza aos suggestivos teutões que se movem a bel-prazer do maior criminoso de todos os tempos; e os vários Krupps de todos os países rejubilavam de satisfação logo que se faliasse de guerra, sendo a conflagração europeia ponto assente para todos os que da guerra vivem ou pela guerra se interessam, não tendo até faltado quem predissesse em letra redonda as suas funestas consequências e até onde e quando seriam as batalhas decisivas da contenda. Não faltaram profecias, mais ou menos inverosímeis...

Não é facil, porém, destrinçar responsabilidades, que só no fim do conflito se poderão encontrar muito superficialmente; e o simples facto dos súbditos do kaiser, se declararem primeiro prussianos que socialistas, se destrói num dia o que predicaram durante anos, não coonesta a attitude guerreira de alguns chefes dos diversos partidos socialistas dos países em luta. Vandervelde, na Belgica, Sembat e Jules Guesde, o tão conhecido chefe dos intransigentes, em França, com os renegados René Viviani e Millerand, são ministros do estado burguez; e em Italia os socialistas querem a